

Desconstruindo metanarrativas coloniais a partir de estratégias mais-que-representacionais

Deconstructing colonial meta-narratives from more-than-representational strategies

Desconstruyendo metannartivas coloniales a partir de estrategias más que representacionales

Leonardo Luiz Silveira da Silva – leoluizbh@hotmail.com
Professor do Colégio Militar de Belo Horizonte
Orcid : <https://orcid.org/0000-0002-7082-529X>

Resumo

As metanarrativas coloniais são muito dominantes e registram sequelas na paisagem e nos comportamentos sociais em espaços e tempos diferentes. Este artigo visa apresentar o modo de desconstrução de metanarrativas coloniais por intermédio da abordagem mais-que-representacional. A abordagem problematizada neste artigo, não visa substituir a narrativa do opressor pela do oprimido. Fiel ao modus operandi da desconstrução que promove, a perspectiva mais-que-representacional vislumbra deslocar os eixos totalizantes da representação, que se apresentam como fulcrais para as narrativas, propondo uma aproximação frente aos discursos pulverizados que demandam intermediação. Todavia, se vê que o debate epistemológico mais-que-representacional está bem mais desenvolvido do que os trabalhos empíricos, o que denunciam a jovialidade e imaturidade da abordagem em questão. Conclui-se que, devido a sua expressiva potência crítica, a abordagem mais-que-representacional merece ser contemplada, ainda que se tenha que enfrentar desafios importantes para a transposição empírica.

Palavras-chave: Metanarrativas, Intermediação, Representação, Abordagem mais-que-representacional.

Abstract

Colonial metanarratives are very dominant and register consequences in the landscape and in social behavior in different spaces and times. This article aims to present the mode of deconstruction of colonial metanarratives through the more-than-representational approach. This approach does not aim to replace the narrative of the oppressor with that of the oppressed. Faithful to the modus operandi of deconstruction that it promotes, the more-than-representational perspective envisions displacing the totalizing axes of representation, which are presented as central to the narratives, proposing an approximation in the face of pulverized discourses that demand intermediation. However, it can be seen that the more-than-representational epistemological debate is much more developed than the empirical works, which denounce the joviality and immaturity of the approach in question. It is concluded that, due to its expressive critical power, the more-than-representational approach deserves to be contemplated, even if it has to face important challenges for the empirical transposition.

Key words: Metanarratives, Intermediation, Representation, More-than-Representational approach.

Resumen

Las metanarrativas coloniales son muy dominantes y dejan huella en el panorama y los comportamientos sociales en diferentes espacios y tiempos. Este artículo busca presentar la manera de deconstruir las metanarrativas coloniales mediante el enfoque más que representacional. El enfoque problematizado en este artículo no pretende reemplazar la narrativa del opresor por la del oprimido. Fiel al modus operandi de deconstrucción que promueve, la perspectiva más que representacional busca desplazar los ejes totalizadores de la representación, que se presentan como centrales en las narrativas, proponiendo una aproximación a los discursos fragmentados que requieren mediación. Sin embargo, es evidente que el debate epistemológico más que representacional está mucho más desarrollado que los trabajos empíricos, que denuncian la juventud e inmadurez del enfoque en cuestión. Se concluye que, debido a su poder crítico expresivo, el enfoque más que representacional merece ser considerado, incluso si enfrenta importantes desafíos para su transposición empírica.

Palavras-chave: Metanarrativas, Intermediación, Representación, Enfoque más que representacional.

Recebido em: 14/06/2025
Aceito em: 15/08/2025
Publicado em: 09/11/2025

Introdução

Ao olhar eivado de escrutínio, as formas como se dão as narrativas desnudam as estratégias de poder. Narrativas podem – entre as polissemias e figuras de linguagem que ostentam – criar reificações conceituais aptas a conduzir os leitores a compreenderem a realidade de forma aproximada ao autor que discursa. Não são poucos os imbróglis semânticos envolvendo categorias de amplo uso, tal como se viu na discussão entre Don Mitchell (1995) e outros geógrafos acerca do elusivo conceito de cultura (Duncan; Duncan; 1996; Cosgrove, 1996; Jackson, 1996; Mitchell, 1996). Um ponto pacífico dentre as muitas discordâncias que envolveram os debatedores do imbróglis em questão está o fato do conceito de cultura poder ser utilizado para dar vulto às relações de poder. Nesse sentido, uma definição dotada de limites acerca do que é cultura auxilia a produzir comportamentos (Silva; Costa, 2018), visto que o enquadramento conceitual penetra – em gradações variadas entre indivíduos – no domínio afetivo. O mesmo ocorre com muitos outros conceitos/categorias, tais como nação: a possibilidade de vê-la como uma comunidade imaginada (Anderson, 2008 [1984]) já evidencia o questionamento de sua materialidade (Silva, 2020). O nacionalismo banal (Billig, 1995) – fenômeno manifesto nas tentativas do Estado de evidenciar os elementos que o animam enquanto entidade concreta ficcional – é um poderoso instrumento afetivo e se mostra capaz de manipular as pessoas. *Ipsa facto*, o afeto é consistentemente percebido como um meio de manipulação (Barnett, 2008) e a descoberta de novos meios de praticar o afeto é também a descoberta de uma ferramenta que opera relações de poder (Thrift, 2004).

A narrativa se estrutura além do uso de conceitos escorregadios; a tentativa de conter tais conceitos em parcelas estreitas do seu universo semântico denota os rumos da intencionalidade discursiva. Na teoria da história, a questão da narrativa já foi intensamente sabatinada, encontrando posição fulcral na argumentação de Hayden White (1981) para quem só haveria história sob descrição. Esta máxima de White evidencia a descrença quanto a capacidade das narrativas se portarem como verdades históricas. Rechaçando a dicotomia entre a presença do “verdadeiro” e “falso” nas narrativas, o autor sugere que as divergências sejam expressas em outra oposição: real *versus* imaginário. A partir desta elaboração, White nos pergunta: “Não é possível que a questão da narrativa em qualquer discussão de teoria histórica é sempre em seu desfecho a respeito da função da imaginação na produção de uma específica verdade humana?” (White, 1984, p.33).

Quem poderia afirmar que os problemas epistemológicos ligados à descrição do passado e, portanto, centrais para a história, não afligem a geografia? Em outras palavras, quem poderia joeirar os dilemas da historiografia do rol dos problemas teóricos ligados à intersubjetividade perceptiva do espaço (Silva, 2021a)? Queiroz Filho alerta: “Olhando para as pinturas europeias feitas do Brasil no século XVIII, por exemplo, o que vemos? Não podemos imaginar uma obra, que foi feita a partir do relato de um viajante, como a própria coisa” (Queiroz Filho, 2007, p.2). Por isso devemos falar de representações, referindo-nos às formas mais diversas de interpretações advindas das relações entre o homem e o mundo, envolvendo a espacialidade e a temporalidade.

Edward Saïd (1989) asseverou que as representações não apenas colocam em questão os tensionamentos envolvendo os meandros das formas e convenções linguísticas, mas também as tensões que entrelaçam forças transumanas, transpessoais e transculturais, tais como o inconsciente, o gênero e raça. As representações – mesmo considerando sua produção em âmbito individual – acabam interferindo no espaço coletivo, por meio de sua divulgação; além disso, possuem distintos alcances e podem ser vistas como versões acerca dos fatos cotidianos. Do ponto de vista intertextual, nenhuma representação é de autoria única; no interior desta lógica, as representações são produções intertextuais que combinam discursos, mesmos aqueles que apresentam contradições entre si (Leitner; Kang, 1999). As representações possuem temporalidade, à medida que são realizadas em um tempo específico; a narrativa que aborda um fato cotidiano ou reflete sobre o arranjo da paisagem é construída a partir de uma ideia nascida em um momento ou período.

O debate sobre as narrativas se encaixa em uma discussão mais ampla sobre as representações. Se fala sobre a crise de representações (Jackson, 1991; Duncan; Sharp, 1993; Denzin, 2002; Flaherty, 2002) já que é crescente a descrença quanto à capacidade da linguagem em refletir adequadamente a realidade (Curry, 1991). No contexto da crise das representações, abordagens mais-que-representacionais se apresentam como propostas de desconstruir as metanarrativas sem que a partir do seu vácuo seja colocado outro metadiscorso em seu lugar. Esta ação de substituição de discursos, geralmente operacionalizada pela inversão da narrativa opressora pela oprimida, é muitas vezes encarada com positividade em uma perspectiva militante. Todavia, do ponto de vista filosófico, flerta com vício similar em relação à representação que crítica.

O espaço-tempo colonial reúne recortes privilegiados de metanarrativas. Dentro do movimento intelectual que se convencionou chamar de pós-colonialismo, críticas de base pós-estruturalistas buscaram confrontar a hegemonia das metanarrativas do colonizador. Destaca-se, todavia, a fragilidade dos discursos que buscam substituir a narrativa do opressor pela do oprimido, produzindo um maniqueísmo ingênuo que opõe bondade e maldade, dentre outras valorações ambíguas que marcam relações coloniais (Bhabha, 1984). Para superar o maniqueísmo em questão, estratégias mais-que-representacionais têm se oferecido como interessantes soluções de natureza teórico-metodológicas ao deslocar o centro da análise da coletividade em direção ao sujeito. O objetivo deste artigo é mostrar como a desconstrução de metanarrativas coloniais pode ser encarada a partir de bases mais-que-representacionais. Serão apresentadas vantagens e apontados desafios da abordagem em questão.

A estratégia discursiva deste artigo passa pela apresentação de formas assumidas pelas metanarrativas coloniais, destacando suas práticas e efeitos; posteriormente, abordaremos a crise das representações e, finalmente, apresentaremos os fundamentos mais-que-representacionais, destacando suas virtudes e seus vícios.

Metanarrativas coloniais: práticas e efeitos

As metanarrativas coloniais são bastante abordadas na literatura acadêmica, encontrando em uma das possibilidades de agrupamento de suas

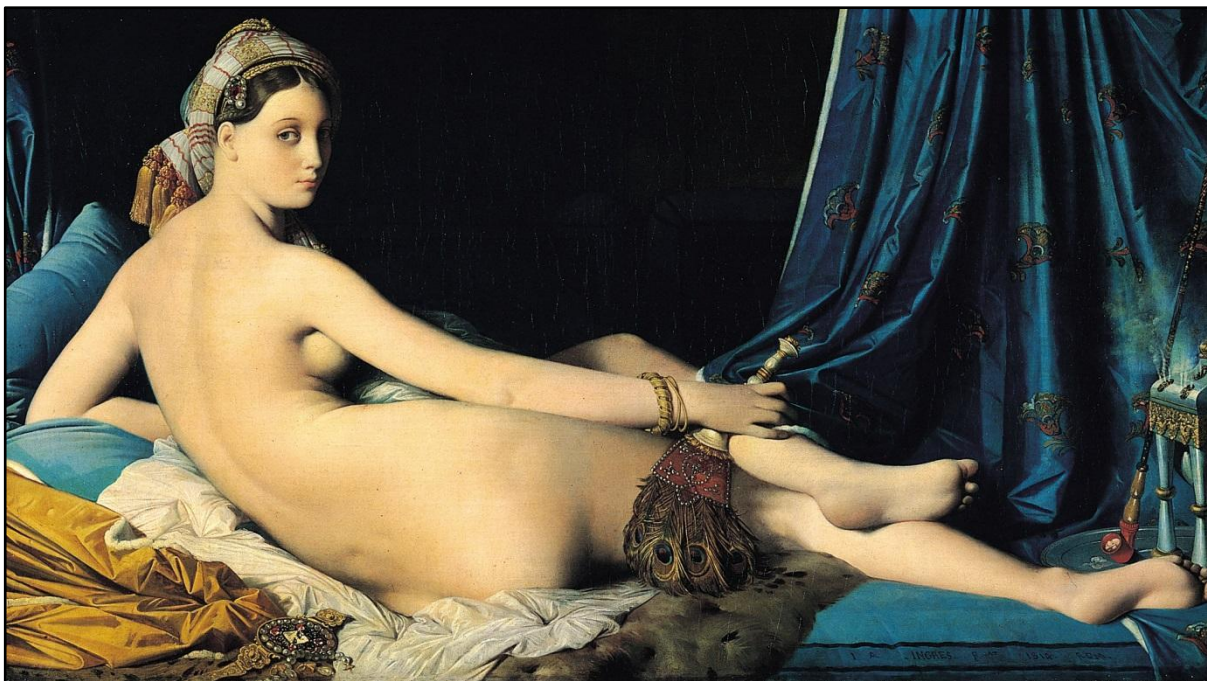
características o termo-guarda-chuva orientalismo, que expressa modos de leitura que sinteticamente poderiam ser entendidos como visões do Oriente a partir de um ponto de vista ocidental (Saïd, 2007 [1978]). O termo “Oriente” é expresso de uma forma espacialmente imprecisa, de tal maneira que a aventura de Marlow na bacia do Congo em *Coração das Trevas* (Conrad, 2010[1902]) é tão oriental quanto o universo místico, sensualizado, caótico e paisagisticamente exótico das representações do Magreb e da península arábica.

O orientalismo – que possui muitas faces de representação – é escorregadio em sua espacialidade, historicidade e temática. É uma confusão de espaços que se congruem e em alguns momentos são apartados, suprimindo a experiência geográfica (Silva, 2018a); é caótico ao fazer do anacronismo o seu *modus operandi*, associando tempos conflitantes e separando contemporaneidades, suprimindo a experiência histórica (Silva, 2018b). O orientalismo, ao suprimir o espaço-tempo, flerta com o impossível. *Ipsso facto* a palavra “invenção” atribuída por Saïd às representações orientalistas não deveria causar estranheza. Do ponto de vista temático, o orientalismo faz do machismo, patriarcalismo, etnocentrismo alguns dos pilares que compõem suas representações.

É elucidador o fato de *La Grande Odalisque* de Jean-August Ingres – que explora a mulher muçulmana no recôndito do seu lar – ser mais um produto da imaginação masculina de um europeu que a representa do que uma realidade dita oriental (Campo, 1991; Silva; Passos, 2021). Jeniffer Yee (2004) destaca que era extremamente incomum a entrada de homens ocidentais em haréns reais, o que reforça o caráter imaginário acerca das representações orientalistas, não raramente idealizando a mulher europeia na posição da mulher oriental retratada.

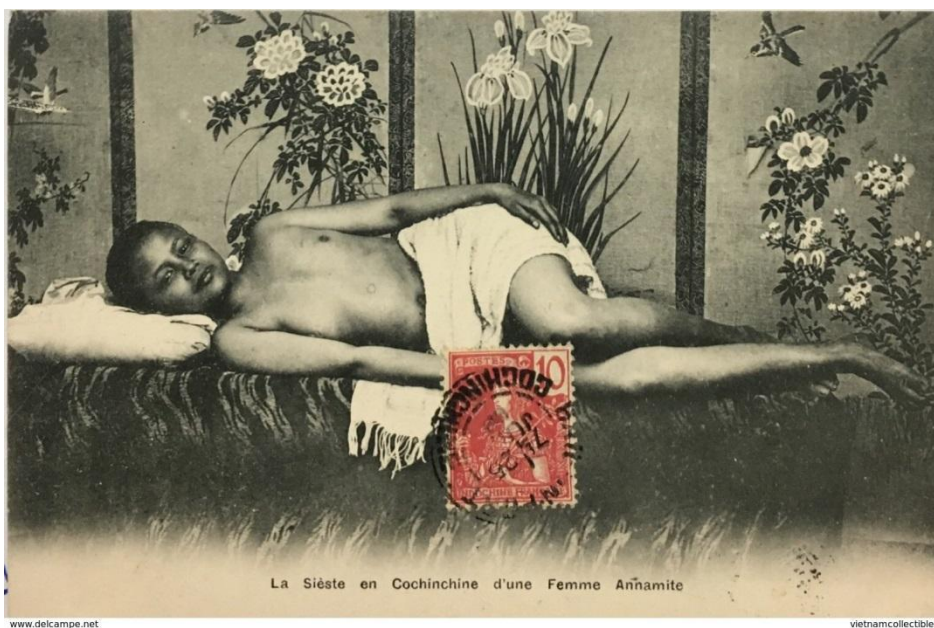
No contexto do colonialismo, cartões-postais são exemplos curiosos de apresentação de paisagens e lugares. Busca-se por meio deles ressaltar eventuais potencialidades; destacam-se invariavelmente sazonalidades as quais as paisagens apresentam-se supostamente mais aprazíveis, a partir de ângulos privilegiados em um dia de iluminação adequada. Assim como ocorre com as fotografias, os cartões postais tanto influenciam como refletem percepções e preferências paisagísticas (Marsh, 1985; Van Eeden, 2011; Silva; Costa; Silva, 2022).

Figura 1 – La grande odalisque



Fonte: Ingres, Jean-August. *La Grande Odalisque*, 1814. Óleo sobre tela, 91 × 162 cm. Louvre, Paris

Figura 2 – Cartão-postal da Indochina



Fonte: Cartão-postal da época da colonização francesa na indochina. Autor desconhecido. Disponível em https://www.delcampe.net/en_GB/collectables/postcards/vietnam/indochine-indochina-vietnam-viet-nam-annam-lady-topless-bust-nue-nues-vintage-postcard-2-photo-753464369.html

Assim como se vê em certas telas orientalistas, tal como *La Grande Odalisque* de Ingres, o espaço colonial é vendido como portador de uma aura sensual por intermédio de fantasias erótico-exóticas. Cartões-postais na Indochina francesa, em outra temporalidade e espacialidade colonial, buscaram remontar a estratégia (as figuras 1 e 2 são apresentadas num só fôlego a partir de um intento comparativo). A construção acerca do imaginário de espaços coloniais aprazíveis era uma estratégia importante para fixar a ocupação colonial, predominantemente masculina em sua fase de desbravamento e fixação.

Representações coloniais sobre a América nos inspiram a pensar em outros tempos; a colonização efetiva do continente americano se deu em período anterior à colonização da África e do Sudeste Asiático. Ainda assim, é possível fazer paralelos consistentes. A tela *Ariadne Asleep on the Isle of Naxos* de John Vanderlyn, pintada nos anos iniciais do século XIX, não representa uma pessoa propriamente dita; mas se trata, metaforicamente, de uma América a ser tomada, virgem, como um recurso a ser explorado (Wallach, 1997). No contexto colonial, as topografias e as pessoas nativas como espaços femininos a serem violados instauram uma hierarquia sexual e racial entre colonizador e colonizado (Sawyer; Agrawal, 2000, p. 72).

Figura 3 - Ariadne Asleep on the Isle of Naxos



Vanderlyn, John. *Ariadne Asleep on the Isle of Naxos*. 1809-1814. Óleo sobre tela, 224 x 175 cm. Pennsylvania academy of fine arts, Philadelphia.

As representações coloniais evidenciam uma pletera de estereótipos que buscam normatizar pluralidades em poucos adjetivos, ação que, como vimos, suprime o espaço-tempo. Outros nomes incorporam o cânone pós-colonial, cada qual com suas características que revelam o percurso de sua intertextualidade. Os

textos manifestos de Albert Memmi (1977 [1973]) e de Aimé Césaire (2012 [1939]) exploram esplendidamente as contradições representacionais. Em *Diário de um Retorno ao país Natal*, livro-poema que é um expoente literário de Césaire (2012 [1939]), a mistura de poesia e prosa é marcada pelo pensamento sobre a identidade cultural negra em contexto colonial. Ashis Nandy (2015), por sua vez, explora as incongruências espaço-temporais das representações coloniais ao afirmar que certos ambientes têm uma peculiar tendência de conservar elementos advindos de outras culturas que se tornaram recessivos na fonte transmissora. Exemplifica por meio da estética vitoriana: se quisermos ver *in loco* a Inglaterra vitoriana, é melhor irmos à Índia.

Não podemos deixar de falar sobre Homi Bhabha (1984) e seus poderosos conceitos de ambivalência [*ambivalence*] e mimetismo [*mimicry*], que instrumentalizam as múltiplas possibilidades de representação. A ambivalência descreve a mistura entre a atração e repulsão que marca a relação entre colonizador e colonizado; na lógica da ambivalência, o sujeito colonizado não é a oposição simplória ao colonizador. O olhar do colonizador para o colono e também para as paisagens e lugares coloniais se apresenta paradoxal, sendo ao mesmo tempo tratado com desdém e desejo; considerado ao mesmo tempo insignificante e valoroso; fraco e ameaçador. Essas polarizações entrelaçadas não possuem um ponto ótimo intermédio; as percepções são perpetuamente ajustáveis ao sabor da experiência colonial e variáveis de acordo com as identidades que as analisam. Às vezes pejorativa e por vezes atrativa, apresentam-se em formulações tão dinâmicas e híbridas ao ponto de se constituírem como quimeras errantes.

O mimetismo, por sua vez, instrumentaliza as representações por intermédio da denúncia do caráter falacioso da missão civilizadora: o colono mimético busca reproduzir o colonizador, mas nunca se elevará à sua posição, ainda que se esforce em aprender a língua do dominador, se batizar em sua crença, ter o seu estudo e conhecimento de mundo e penetrar e se apropriar dos seus mais detidos recônditos cosmológicos. É o discurso colonial que encoraja os sujeitos colonizados – embriagados pelos caprichos da missão civilizadora – a se tornarem *fac-símiles* do colonizador. O resultado nunca é uma simples reprodução dos traços dos colonizadores, mas sim uma cópia borrada, tal como Fanon (2008 [1952]) problematiza em *Pele Negra Máscaras Brancas*: a tentativa dos habitantes das colônias francesas em evitar sotaques típicos que denunciariam sua origem não impede deslizamentos linguísticos e outros sinais que negariam a “pureza metropolitana”.

Toda essa discussão sobre as representações, detidamente as coloniais, poderia ser taxada de um academicismo vazio se não existisse o afeto. As representações são capazes de interferir afetivamente nos sujeitos entrelaçados em relações cotidianas, potencialmente reativos aos estímulos dos ambientes que lhe cercam, incluindo as representações que lhes são apresentadas nas mais diversas plataformas comunicativas. Isso significa dizer que o corpo e o ambiente que lhe provoca estímulos e respostas precisam ser analisados conjuntamente, numa relação que é ao mesmo tempo marcada pelo afeto e capacidade de afetar (Bondi, 2005). Na dimensão sócio-política, o afeto é percebido como meio de manipulação (Barnett, 2008). A descoberta de mecanismos eficientes de afeto conduz um manipulador a uma posição privilegiada na política de poder (Thrift, 2004). Por essas questões, não deve causar espanto o fato denunciado por Saïd

(2007 [1978]): a possibilidade de um dito “oriental” passar a se perceber não como suas tradições apontam, mas como as representações orientalistas supõem.

Crise Representacional

Após o período das grandes viradas epistemológicas (*cultural, linguistic, relational turns*) tem sido crescente a percepção, pelo menos no interior do debate intelectual, da existência de uma crise das representações (Duncan; Sharp, 1993). Amparados pelo pós-estruturalismo e pós-modernismos, vem sendo consolidada a descrença quanto à capacidade da linguagem em refletir adequadamente a realidade (Curry, 1991; Castree; Nash, 2004). Os reflexos são muito profundos para a teoria da história, para o discurso geográfico e para toda a superfície epistemológica das humanidades. Resistências são criadas à crise das representações e, como resultado, vemos as disciplinas diante de um processo de alargamento epistemológico, em que as vozes dissonantes e por vezes impetuosas passam a exhibir antagonismos interpretativos cada vez mais realçados.

Edward Saïd (2007 [1978]) deixou claro que a resposta ao orientalismo não é o ocidentalismo; esta posição expressa pelo autor é um golpe nos maniqueísmos revanchistas dos movimentos a favor dos oprimidos. Anteriormente, em meados do século XX, Frantz Fanon criou estranhamentos ao afirmar em *Condenados da Terra* (Fanon, 2005 [1961]) que o colonizado quer deitar-se na cama do colonizador (e se possível com a mulher dele) e, em *Pele negra máscaras brancas* (Fanon, 2008 [1952]) que o negro quer ser branco¹. Por detrás desta desconstrução de polaridades passíveis de serem adjetivadas (como o colono bom e o colonizador mau), reside justamente o incômodo em representar. Sabemos as repercussões desta postura desconstrucionista para o discurso militante social (Silva, 2021b), mas não é isso o que propomos aqui discutir. Em outra via, somos instigados a pensar: por detrás de uma desconstrução das polarizações, o que resta? O que o abandono da crença em classes (e representações em geral) deixa como base discursiva? São estas perguntas que pretendemos responder, utilizando, para tanto, a abordagem mais-que-representacional.

A desconstrução mais-que-representacional: virtudes e vícios

Bebendo em fontes ligadas à Teoria Ator-rede (TAR) e com a convicção de que a dimensão social não pode ser presumida (Cowan; Morgan; Mcdermont, 2009), desenvolveu-se na geografia – mas com aplicações interdisciplinares – aquilo que se convencionou chamar de Teorias não-representacionais (TNR) (Silva; Costa, 2022). Este campo de pensamento tem o seu core no Reino Unido, exercendo influência principalmente no mundo anglófono e na Europa (Paiva,

¹ O autor referiu-se não à cor propriamente dita, mas a posição que o branco ocupa, entendimento que fica claro quando se expressa: “alguns negros querem, custe o que custar, demonstrar aos brancos a riqueza do seu pensamento, a potência respeitável do seu espírito” (Fanon, 2008 [1952], p.27).

2017; 2018). Nigel Thrift – que em meados da década de 1990 sugeriu o nome TNR a uma forma de pensar – deixou claro que tal expressão não deveria ser vista como uma corrente, mas como um estilo de abordagem (Thrift, 2000). Por isso, não é de causar surpresa o fato do acrônimo TNR agrupar elaborações diversas (Simpson, 2017). As TNR se oferecem com opção de abordagem justamente pela insatisfação quanto às formas tradicionais de lidarem com as representações; *ipso facto*, propõe que as relações espaciais substituam o pensamento que considera que corpos estáveis como “a sociedade” ou “o território” se constituam como base da reflexão política (Jones, 2009). Faz jus aos pressupostos deste estilo de pensar a busca em compreender as relações entre sujeitos, descrição que ocuparia o vácuo deixado pela desconstrução das representações.

Poderia se alegar que, sendo descrições, os trabalhos de TNR cairiam em uma espécie de paradoxo, visto que poderiam se constituírem como representações. Todavia, é importante notar que a estrutura discursiva das TNR não utiliza conceitos estanques e rígidos como a finalidade da análise. Assim, tal como em uma pesquisa fenomenológica², o pesquisador nunca sabe o que irá encontrar ao levantar as informações que envolvem sujeitos em rede. Se as abordagens de TNR são representações, apresentam-se como um tipo peculiar, sendo notavelmente amorfas e instáveis.

As abordagens associadas às TNR são incipientes no Brasil, pelo menos no campo da geografia e da história. Não causa tanta estranheza a alguns sociólogos familiarizados com a TAR, visto que o procedimental que tem como expoentes Bruno Latour e John Law (Nobre; Pedro, 2010) inspira as abordagens das TNR. Antes de abordarmos como se materializam as abordagens que privilegiam as relações em rede, é importante compreender a razão pela qual o nome mais-que-representacional tem sido privilegiado (Lorimer, 2005) em detrimento ao não-representacional. Recentemente é notório que a expressão mais-que-representacional tem ganhado vulto.

As objeções ao termo “não-representacional”, que também cultivamos, centram-se na concepção de que as abordagens relacionais não ignoram a representação; diferentemente, deslocam a representação para uma posição diferente das abordagens tradicionais. Ao invés de propor um discurso em que a representação é a base para a reflexão do comportamento do sujeito, teses ditas não-representacionais vistas como mais-que-representacionais colocam a representação como mais um dos muitos elementos que movem o afeto em rede. Assim, a representação não é uma finalidade do discurso; ocupa um campo periférico ao se amontoar com outros ingredientes que movem o afeto produzido nas redes de relação, chamadas comumente na literatura de *assemblages* (Müller; Schurr, 2016). O que ocupa centralidade discursiva na abordagem em questão é justamente as relações, sempre efêmeras em seu arranjo, apresentando

² Na fenomenologia, a experiência frente ao fenômeno é valorizada e não há uma noção clara do que se vai encontrar e como as revelações irão ocorrer. É demandada a flexibilidade no arranjo dos instrumentos do método, já que o mesmo deve se adaptar à natureza e circunstâncias do fenômeno (Almeida, 2020).

na sua fotografia um quadro muito particular de uma fatia do espaço-tempo a partir da perspectiva de determinados atores envolvidos em redes.

As *assemblages* são arranjos relacionais heterogêneos. Sua heterogeneidade se explica pela sua capacidade de envolver humanos e não humanos (Pitt, 2015), incluindo nesta perspectiva, para além das relações entre homens, plantas e objetos, a dimensão elemental, como se pode ver nos trabalhos de Engelmann (2015), Adams-Hutcheson (2019), Riesto *et al.* (2021) e Zara (2021). Alfred Crosby (2011 [1986]) refletiu detidamente sobre o papel da interação multiespécies para a colonização, refletindo sobre o papel vital da prosperidade dos animais leiteiros e de corte, bem como de certos cultivos, para o sustento da empreitada colonial. O seu livro *Imperialismo Ecológico* defende a tese de que a colonização do litoral Atlântico africano por parte dos europeus foi tardia devido ao fracasso de obtenção de prosperidade na criação de animais e plantas conhecidas pelos europeus.

Os atores³ envolvidos em rede se afetam (Thien, 2005), fato que influencia o seu modo de performar. O afeto é o produto do encontro entre entidades e também como estas entidades são afetadas por esses encontros (Ash, 2015, p.84). Além disso, o próprio arranjo do espaço, incluindo aí os aspectos físicos da superfície e a arquitetura das construções, é capaz de afetar indivíduos. O resultado da *performance* humana, por sua vez, inaugura um novo ciclo de afeto. Afinal, o arranjo espacial tal como ele se apresenta é afetivo. A relação entre afeto e *performance* nos lembra o conceito de *trajeção* trazido por Augustin Berque:

A trajeção, por sua vez, é o processo evolutivo no qual o ambiente é antropizado pela técnica e humanizado pelo símbolo, o que o faz um meio humano e onde, simultaneamente, em retorno, este meio condiciona o homem para, indefinidamente, humanizá-lo de volta e assim por diante (Berque, 2017, p.6).

A busca em levantar as relações entre actantes (ver nota de rodapé 3) permite a visualização de uma *assemblage* em um determinado recorte espaço-temporal. No âmbito da TAR, Bruno Latour (1993) sugeriu que a tradução das redes – processo que se dá por meio do levantamento das relações – é o método mais adequado para se trabalhar as concepções relacionais. No interior das abordagens mais-que-representacionais é possível verificar que a sugestão de Latour foi levada a sério. Muitos trabalhos confiam em amostras limitadas de sujeitos-em-rede para a montagem do seu cotidiano e a exposição de suas relações. Tal perspectiva inspirou Nigel Thrift (2008) a chamar a abordagem que batizou de TNR – e que posteriormente tem sido chamada de abordagens mais-que-representacionais – de “geografia do que acontece”. Essa tentativa de Thrift talvez esteja associada a criar um verbete mais acessível aos que se interessam por abordagens incomodadas frente à hegemonia da representação.

³ A palavra actante tem sido utilizada como um termo neutro para se referir aos atores (humanos) e os não-humanos. Considerando as relações entre os actantes, não é de se surpreender que os pesquisadores que se alinham às perspectivas não-representacionais tenham como um dos objetos centrais de sua investigação os diversos modos aos quais os nossos corpos participam do mundo que nos cerca (Waterton, 2019).

Na busca pelas relações cotidianas, se vê não raramente posturas muito diferentes de pessoas que estariam enquadradas em classes: jardineiros (Hitchings, 2003), fazendeiros (Adams-Hutcheson, 2019), pacientes (Bissel, 2009) são exemplos de classes já abordadas na perspectiva representacional que mostram comportamentos particulares das pessoas que estariam inseridas em conceitos que, vistos de forma reificada, sugeririam dominância em seus afazeres cotidianos. Ninguém é uma coisa só e, a partir desta premissa, entende-se que as identidades apresentam planos entrecruzados que apontam para a excepcionalidade das pessoas (Hall, 2006). De que forma este tipo de conteúdo pode ser mobilizado no enfrentamento das metanarrativas coloniais?

No seio do discurso do colonizador – que deixa sequelas para a contemporaneidade – é comum a reificação de raça, cultura e nação, deixando os indivíduos estereotipados, definidos por intermédio de poucos adjetivos, compondo, como tijolos homogêneos, a superfície isotrópica de um muro monocromático. A abordagem mais-que-representacional, em sua busca de montar o cotidiano dos atores/actantes envolvidos em rede, faz com que a “geografia do que acontece” inevitavelmente degrade as formas totalizantes de pensar. O deslocamento da análise, do ponto da coletividade para a individualidade, revela nuances identitárias capazes de reiventarem a forma discursiva. Neste âmbito, se verá de forma irresistível que as experiências vistas como coletivas – frutos do imperialismo e colonialismo – portam-se como elementos importantes e componentes da atmosfera afetiva, mas sem serem definidores do afeto e performance individuais.

As relativizações propostas pela abordagem mais-que-representacional é um ponto de partida para que a narrativa totalizante seja devidamente sabatinada e, em seu lugar, se compreenda que se possa falar – sobretudo no âmbito de um país com dimensões continentais como o Brasil – de múltiplas colonizações. A variedade de colonos e também de colonizadores, sujeitos a relações muito particulares ocorridas em distintas temporalidades e frente às paisagens dotadas de grandes diferenças, tornam panglossiana a tentativa de produção de uma narrativa enviesada produzida em um só fôlego. Na perspectiva mais-que-representacional aplicada aos estudos pós-coloniais, sugere-se que as categorias e mesmo os processos histórico-geográficos descritos com exatidão positivista sejam encarados com parcimônia; entende-se, todavia, que tais processos não podem ser ignorados no bojo da análise. Seguir os atores em seu cotidiano se constituirá em um desafio certamente surpreendente, pois as formas em que são percebidos o legado dos processos coloniais serão nubladas pela interação de múltiplas influências que recaem sobre o indivíduos, algumas das quais desvencilhadas da antiga ordem colonial.

Um número expressivo de historiadores se opõe aos métodos não-representacionais, assim como ocorre com a oposição ao pós-modernismo e ao desconstrucionismo de Hayden White: o nome deste autor se associa fortemente à virada linguística e a problematização das narrativas na história, tornando-se o “objeto predileto da ira de muitos historiadores” (Ankersmit, 1998, p.185). Os campos de investigação que agridem historiadores tradicionais são justamente os que relativizam as metanarrativas; em uma postura militante, a colocação de uma

metanarrativa do oprimido no lugar dos escombros deixados pela crítica à narrativa do opressor parece confortável. Todavia, o que se critica? A opressão *lato sensu* ou a própria estrutura da narrativa? Se a crítica for direcionada à estrutura da narrativa, constitui-se como um ato paradoxal construir outro ângulo de análise sobre o fato histórico: é plausível considerar que a substituição de narrativas continuará baseada nas conceituações reificadas e totalizantes, ainda que estas sejam outras, divergentes das que sustentam a metanarrativa opressora. Por outro lado, se a crítica for direcionada à opressão, a existência de contradições discursivas pode confortavelmente vagar pelas letras flamejantes de quem milita.

A alternativa da abordagem mais-que-representacional como um meio de lidar com a desconstrução de metanarrativas encontra grandes desafios no campo da história. Nem sempre as fontes de pesquisa são simétricas. Por exemplo, sabe-se que se estuda a história do Brasil de forma eurocentricamente enviesada. É de se imaginar a dificuldade de encontrar fontes que atestem a visão feminina tupinambá acerca do contato com portugueses e franceses no Brasil do século XVI. Falar sobre o passado muitas vezes nos conduz a considerar a assimetria na disponibilidade de fontes. É plausível considerar que a maior oferta de fontes similares – que dão força às metanarrativas – seja uma consequência do usufruto de uma posição privilegiada de certos narradores dentro da diversidade que vivenciou o fato histórico e se submeteu à relações entre sujeitos, espécies e objetos. Em sua maioria, os narradores potenciais certamente se emudeceram pelas contingências socioespaciais. A mudez aqui exposta é uma figura de linguagem para a incapacidade de atores partícipes do objeto investigado de deixarem registros que hoje seriam úteis para a intermediação discursiva. Em uma perspectiva pós-colonial – em que se estuda as sequelas da colonização em temporalidades posteriores – pode-se, sobretudo no âmbito do *mainstream* da história contemporânea, trabalhar a perspectiva mais-que-representacional com maior conforto.

Sobre o passado, há de se perguntar: uma vez que acessarmos fontes diversas, o que fazemos com a pluralidade de interpretações? Ankersmit (2001) percebe o anseio de alguns historiadores em propor uma história teórica que reverteria a pulverização excessiva da compreensão do passado. A multiplicação de estudos no âmbito da microhistória é um dos efeitos claros do incômodo quanto a tradicional predominância de metanarrativas. Ou seja, a negação da totalidade parece conduzir à especialização da abordagem. A proposição de “uma real integração entre as especializações ainda é difícil de atingir. A historiografia integral leva à enumeração antes do que à integração” (Ankersmit, 2001, p.114). Essa é uma preocupação real quando ocorre a proposição de intermediações discursivas.

A intermediação de narrativas construídas acerca de diferentes visões do passado é um golpe direto à ideia de verdade histórica. Ainda hoje é possível ver as sequelas de um passado em que se convencionou – mesmo em âmbito acadêmico – valorizar a objetividade e a busca da verdade, quiçá por meio de teorias e leis que pudessem embasar as disciplinas que almejaram ser reconhecidas como ciência (Mink, 1968; Harris, 1971; Sack, 1974; Hartshorne,

1978 [1939]; King, 1979; Harvey, 1986 [1969]; Johnston, 1986 [1979]; Capel, 2013).

Do ponto de vista da produção científica e sua divulgação, o excesso de particularismo apresenta-se como um obstáculo aos cientistas. Estamos vivendo um período em que as métricas de visualização e downloads dos artigos são muito bem acompanhadas pelos recursos técnicos que estão amplamente disponíveis. Neste contexto, abordagens extremamente particularistas, marcadas pelo recorte de espaços-tempo muito específicos, apresentam uma tendência de atrair poucos interessados (Silva, 2021c). Quando se abrange temas mais generalistas, de ampla aplicação, a tendência é que as métricas da pesquisa se tornem mais robustas. Eis uma questão muito importante das intermediações discursivas e do seu particularismo.

Considerações finais

As abordagens mais-que-representacionais nos conferem, acima de tudo, um horizonte emocionante: ao mesmo tempo em que abre um terreno potencial para a desconstrução das metanarrativas a partir de uma crítica muito aguda, deixa um fino telhado de vidro que parece ávido em receber o arremesso de pedras. Em um nível epistemológico, certamente a desconstrução de narrativas é melhor estruturada do que aquilo que é sugerido para ocupar o vácuo que está sobre os seus escombros. É importante ressaltar que a perspectiva mais-que-representacional é relativamente jovem e precisa ser compreendida como experimental. Acrescenta-se que os teóricos envolvidos com o campo tendem a antipatizar com tendências conservadoras demasiadamente empíricas das ciências sociais tradicionais, bem como frente às convenções do realismo e – de forma notória e mais ampla – frente a qualquer manifestação positivista (Thrift, 2008). *Ipsa facto*, trabalhos que contemplam exclusivamente a dimensão epistemológica mais-que-representacional tendem a escapar das críticas que comumente recaem sobre as elaborações empíricas.

Para os trabalhos vinculados ao campo da história, viu-se que o acesso às fontes diversificadas pode se constituir como um obstáculo à pesquisa mais-que-representacional. É de se prever que a abordagem pós-colonial, uma vez integrada à perspectiva da história contemporânea, pode subliminar o questionamento sobre a diversidade de fontes, visto que os sujeitos da investigação podem participar diretamente da pesquisa. Para além da assimetria das fontes, é de se destacar que o excesso de particularismo nos trabalhos empíricos pode esvaziar o interesse sobre a pesquisa e impedir diálogos importantes que poderiam ser travados para o aperfeiçoamento da abordagem.

Para além dos seus vícios, quando aplicada à desconstrução de metanarrativas coloniais – bem como em situações diversas que buscam desqualificar as abordagens totalizantes – a potência da abordagem mais-que-representacional é tão esplêndida ao ponto de suas inconsistências merecerem confrontadas.

Referências

- ADAMS-HUTCHESON, G. Farming in the troposphere: drawing together affective atmospheres and elemental geographies. **Social & Cultural Geography**, v.20, i.7, p.1004-1023, 2019.
- ALMEIDA, M. G. Eu, geógrafa pesquisadora, e a Fenomenologia. **Geograficidade**, v.10, número especial, p.38-47, Outono, 2020.
- ANKERSMIT, F. R. Hayden White's appeal to the historians. **History & Theory**, v.37, i.2, p.182-193, May, 1998.
- ANKERSMIT, F. R. Historiografia e pós-modernismo. **Topoi**, p.113-135, Março, 2001.
- ANDERSON, B. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.
- ASH, J. Technology and affect: towards a theory of inorganically organized. **Emotion, Space and Society**, v.14, p.84-90, February, 2015.
- BARNETT, C. Political affects in public space: normative blind-spots in now-representational ontologies. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v.33, n.2, p.186-200, April, 2008.
- BERQUE, A. A cosmofoania das realidades geográficas. **Geograficidade**, v.7, n.2, p.4-16, Inverno, 2017.
- BHABHA, H. K. Of Mimicry and Man: The Ambivalence of Colonial Discourse. *October*, **Discipleship: A special Issue in Psychoanalysis**, v.28, p.125-133, Spring, 1984.
- BILLIG, M. **Banal Nationalism**. London: Sage Publications, 1995.
- BISSELL, D. Obdurate pains, transient intensities: affect and the chronically pained body. **Environment and Planning A**, v.41, i.4, p.911-928, April, 2009.
- BONDI, L. Making connections and thinking through emotions: between geography and psychotherapy. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v.30, n.4, p.433-448, December, 2005.
- CAMPO, J. E. Orientalist representations of muslim domestic space in Egypt. **Berkeley: Traditional Dwellings and Settlements Review**, v.3, n.1, p.29-42, Fall, 1991.
- CAPEL, H. Neopositivismo e Geografia Quantitativa. (in): CAPEL, H. **Ruptura e continuidade no pensamento geográfico**. Maringá: EDUEM, 2013.
- CASTREE, N.; NASH, C. Introduction: posthumanism in question. **Environmental and Planning A**, v.36, i.8, p.1341-1343, August, 2004.
- CÉSAIRE, A. **Discurso sobre o colonialismo**. Florianópolis: Letras contemporâneas, 2012.
- COSGROVE, D. Ideas and culture: a response to Don Mitchell. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v.21, n.3, p.574-575, 1996a
- COWAN, D.; MORGAN, K.; MCDERMONT, M. Nominations: An Actor-Network Approach. **Housing Studies**, v.24, n.3, p.281-300, 2009.

- CROSBY, A. **Imperialismo ecológico: a expansão biológica da Europa 900-1900**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.
- CURRY, M. Postmodernism, Language, and the Strains of Modernity. **Annals of the Association of American Geographers**, v.81, n.2, p.210-228, 1991.
- DENZIN, N. K. Confronting ethnography's crisis of representation. **Journal of Contemporary Ethnography**, v.31, n.4, p. 482-484, August, 2002.
- DUNCAN, J.; DUNCAN, N. Reconceptualizing the Idea of Culture in Geography: A Reply to Don Mitchell. **Transactions of the Institute of British Geographers**, new series, v.21, n.3, p.576-579, 1996.
- DUNCAN, N.; SHARP, J. P. Confronting representation(s). **Environmental and Planning D**, v.11, i.4, p.473-486, August, 1993.
- ENGELMANN, S. More-than-human affinitive listening. **Dialogues in Human Geography**, v.5, n.1, p.76-79, 2015.
- FANON, F. **Os condenados da Terra**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- FANON, F. **Pele Negra Máscaras Brancas**. Salvador: Editora UFBA, 2008.
- FLAHERTY, M. G. The crisis in representation: a brief history and some questions. **Journal of Contemporary Ethnography**, v.31, n.4, p. 479-482, August, 2002.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HARRIS, C. Theory and synthesis in historical geography. **Canadian Geographer**, v.xv, n.3, p.157-172, 1971.
- HARTSHORNE, R. **Propósitos e natureza da Geografia**. São Paulo: Hucitec Edusp, 1978.
- HARVEY, D. **Explanation in Geography**. Bristol: Edward Arnold, 1986.
- HITCHINGS, R. People, plants and performance: on actor network theory and the material pleasures of the private garden. **Social & Cultural Geography**, v.4, n.1, p.99-114, 2003.
- JACKSON, P. Guest Editorial: The crisis of representation and the politics of position. **Environmental and Planning D, Society and Space**, v.9, p.131-134, 1991.
- JACKSON, P. The idea of culture: a response to Don Mitchell. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v.21, p.572-573, 1996.
- JOHNSTON, R. J. **Geografia e Geógrafos**. São Paulo: Difel, 1986.
- JONES, M. Phase Space: geography, relational thinking, and beyond. **Progress in Human Geography**, v.33, i.4, p.487-506, 2009.
- KING, L. J. Areal associations and regressions. **Annals of the Association of American Geographers**, v.69, i.1, p.124-128, 1979.
- LATOUR, B. **We have never been modern**. London: Harvester Wheatsheaf, 1993.
- LEITNER, H.; KANG, P. Contested urban landscapes of nationalism: the case of Taipei. **Ecumene**, v.6, n.2, p.214-133, 1999.

- LORIMER, H. Cultural geography: the busyness of being “more-than-representational”. **Progress in Human Geography**, v.29, i.1, p.83-94, 2005.
- MARSH, J. Postcard Landscapes: an Exploration in Method. **Canadian Geographer**, v.29, n.3, p.265-267, 1985.
- MEMMI, A. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- MINK, L. O. Change and Causality in History of Ideas. **Eighteenth-Century Studies**, v.2, n.1, p.7-25, Autumn, 1968.
- MITCHELL, D. There's No Such Thing as Culture: Towards a Reconceptualization of the Idea of Culture in Geography. **Transactions of the Institute of British Geographers**, new series, v.20, n.1, p.102-116, 1995.
- MITCHELL, D. Explanation in Cultural Geography: A Reply to Cosgrove, Jackson and the Duncans. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v.21, n.3, p.580-582, 1996.
- MÜLLER, M.; SCHURR, C. Assemblage thinking and actor-network theory: conjunctions, disjunctions, cross-fertilisations. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v.41, i.3, p.217-229, July, 2016.
- NANDY, A. A mente não colonizada. (In) CASTRO, L. R. (Org.). **A imaginação emancipatória: desafios do século 21**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.
- NOBRE, J. C. A.; PEDRO, R. M. L. R. Reflexões sobre possibilidades metodológicas da Teoria Ator-Rede. **Cadernos UniFOA**, n.14, p.47-56, Dezembro, 2010.
- PAIVA, D. Teorias não-representacionais na geografia I: conceitos para uma geografia do que acontece. **Finisterra**, v. LII, n.106, p.159-168, 2017.
- PAIVA, D. Teorias não-representacionais na geografia II: métodos para uma geografia do que acontece. **Finisterra**, v. LIII, n.107, p. 159-168, 2018.
- PITT, H. On showing and being shown plants – a guide to methods for more-than-human geography. **Area**, v.47, i.1, p.48-55, March, 2015.
- QUEIROZ FILHO, A. C. A edição dos lugares: sobre as fotografias e a política espacial das imagens. **Educação Temática Digital**, v.11, n.2, p.33-53, Jan./Jun., 2010.
- RIESTO, S. *et. al.* Plans for uncertain futures heritage and climate imaginaries in coastal climate adaptation. **International Journal of Heritage Studies**, p.1-18, November, 2021. DOI: 10.1080/13527258.2021.2009538.
- SACK, R. D. Chorology and Spatial Analysis. **Annals of the Association of American Geographers**, v.64, i.3, p.439-452, September, 1974.
- SAÏD, E. Representing the colonized: Anthropology's Interlocutors. **Critical Inquiry**, v.15, n.2, p.205-225, Winter, 1989.
- SAÏD, E. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.
- SAWYER, S.; AGRAWAL, A. Environmental Orientalisms. **Cultural Critique**, n.45, p.71-108, Spring, 2000.

- SILVA, L. L. S. As evidências das práticas orientalistas como instrumento do imperialismo no pós-11 de setembro. **Geografias**, v.9, n.2, p.56-74, 2013
- SILVA, L. L. S. O embate entre Edward Saïd e Bernard Lewis no contexto da ressignificação do Orientalismo. Niterói: **Revista Antropolítica**, n.40, 1º Semestre, p.280-306, 2016.
- SILVA, L. L. S. A supressão da geografia no exercício da alteridade. Fortaleza: **Geosaberes**, v.9, n.17, p.1-13, 2018a.
- SILVA, L. L. S. As duas faces da supressão da experiência histórica. Fortaleza: **Revista de História Bilros**, v.6, n.11, p.36-55, 2018b.
- SILVA, L. L. S. A geografia entre a materialidade e a imaterialidade. **Geotemas**, v.10, n.2, p.25-47, 2020a
- SILVA, L. L. S.. Historiografias e historiofotias da paisagem. **Geosul**, v.36, n.80, p.43-68, 2021a.
- SILVA, L. L. S. A pós-modernidade e o pensamento social: complementariedade ou antagonismo? **Caminhos de Geografia**, v.22, n.82, p.41-52, 2021b.
- SILVA, L. L. S. O mal-estar da abordagem particularista na geografia. **Recital**, v.3, n.3, p.195-201, 2021c.
- SILVA, L. L. S.; COSTA, A. Cultura como comunidade imaginada: uma crítica à abordagem ontológica da cultura nos estudos geográficos. **Geografias**, v.16, n.1, p.27-41, 2018.
- SILVA, L. L. S.; COSTA, A. Reflexões sobre a geografia do afeto: a excepcionalidade identitária em meio às distorções do espaço-tempo. **Revista do Departamento de Geografia da USP**, v.42, e190818, <https://doi.org/10.11606/eISSN.22362878.rdg.2022.190818>, 2022.
- SILVA, L. L. S.; COSTA, A.; SILVA, L. S. R. Geografia-Pastiche. **Geografia, Ensino e Pesquisa**, n.26, e22, <https://doi.org/10.5902/2236499466324>, 2022.
- SILVA, L. L. S.; PASSOS, J. S. R. A interpretação dos dogmas orientalistas por intermédio das imagens. **PROA: Revista de Antropologia e Arte**, v.10, n.2, p.38-59, Jul./Dez., 2020.
- SIMPSON, P. Nonrepresentational theory. (in): **The International Encyclopedia of Geography: people, the Earth, Environmental and Geography**. John Wiley & Sons, p.1-4, 2017.
- THIEN, D. After or beyond feeling? A Consideration of Affect and Emotion in Geography. **Area**, v.37, n.4, p.450-454, December, 2005
- THRIFT, N. Afterwords. **Environmental and Planning D: Society and Space**, v.18, i.2, p.213-255, April, 2000.
- THRIFT, N. Intensities of feeling: towards a spatial politics of affect. **Geografiska Annaler**, v.86, i.1, p.57-78, March, 2004.
- THRIFT, N. **Non-representational theory: Space/politics/affect**. London: Routledge, 2008.

- VAN EEDEN, J. Surveying the “Empty Land” in Selected South African Landscape Postcards. **International Journal of Tourism Research**, v.13, p.600-612, January, 2011.
- WALLACH, B. Painting, Art History, and Geography. **Geographical Review**, v.87, n.1, p.92-99, January, 1997.
- WATERTON, E. More-than-representational landscapes. (in): HOWARD, P. et. al. (eds). **The Routledge Companion to Landscape Studies**. London: Routledge, p.91-101, 2019.
- WHITE, H. The narrativization of Real Events. **Critical Inquiry**, v.7, n.4, p.793-798, Summer, 1981.
- WHITE, H. The Question of Narrative in Contemporary Historical Theory. **History and Theory**, v.23, n.1, p.1-33, February, 1984.
- YEE, J. Recycling the “Colonial Harem”? Women in Postcards from French Indochina. **French Cultural Studies**, v.15, i.1, p.5-19, February, 2004.
- ZARA, C. Venice in Vanarasi: Fluid landscapes, aesthetic encounters and the unexpected geographies of tourist representation. **Shima**, v.15, n.1, p.225-255, 2021.